

(DES)organizações corporais e artes da cena: Práticas, criações e mediação tecnológica a partir da pandemia

Body (dis)organizations and performing arts: practices, creations and technological mediation from pandemic on

Andréa Bergallo Snizek¹

Denise da Costa Oliveira Siqueira²

Resumo: Este texto é instigado pela problemática sobre de que modo afetos e subjetividades foram mobilizados em práticas de criação e na (des)organização de corpos da cena durante o período de pandemia de covid-19 no Brasil e do necessário período de distanciamento físico. O artigo tem como objetivo fazer uma reflexão sobre o corpo e sobre as esferas que artistas mobilizaram para continuar a dançar e a criar, à distância, durante (e após) a pandemia utilizando recursos mediados por tecnologia. Iniciamos o texto apresentando o projeto Neparc (Núcleo de Estudos e Práticas Artístico-Corporais), da UFV. Em seguida, refletimos sobre as práticas de dança e finalmente discutimos os corpos criadores-intérpretes como lugar da prática. O foco recai sobre os projetos *Residências On_line* e *Planta Baixa na Nuvem* desenvolvidos pelo Neparc, em 2020.

Palavras-chave: Afetos. Subjetividades. Criação. Corpo. Tecnologia.

Abstract: This text is instigated by the problematic about how affects and subjectivities were mobilized in the practices of creation and in the (un)organization of the bodies of the scene during the period of the covid-19 pandemic in Brazil and the necessary period of physical distance. The article aims to reflect on the body and the spheres it mobilized to continue dancing and creating, at a distance, during (and after) the pandemic using technology-mediated resources. Initially, we present the Neparc project (Núcleo de Estudos e Práticas Artístico-Corporais), from UFV. Next, we will reflect on dance practices and finally discuss the performing-creative bodies as a place of practice. The focus is on the projects *Residências On_line* and *Planta Baixa na Nuvem* developed by Neparc, in 2020.

Keywords: Affects. Subjectivities. Creation. Body. Technology.

Introdução

Práticas e experiências constituem e inspiram pesquisas, mostram-se elementos únicos e surpreendentes para investigações, instigam a produção de conhecimento a partir da ação e a reflexão teórica. O corpo, protagonista e agente de operações complexas, mostra-se

¹ Professora Associada do Departamento de Artes e Humanidades, do Curso de Dança da Universidade Federal de Viçosa. Doutora em Motricidade Humana/Dança pela Universidade de Lisboa. Líder do Grupo de Pesquisa Artes da Cena Contemporânea: corporeidade, educação e política (CNPq). Diretora do Núcleo de Estudos e Práticas Artístico-Corporais/Neparc. Intérprete-criadora. E-mail: andrea.bergallo@ufv.br.

² Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em Ciências da Comunicação (ECA/USP). Líder do grupo de pesquisa Corps: corpo, representação e espaço urbano. Pesquisadora do CNPq. E-mail: denise.siqueira@yahoo.com.br.

instigador de práticas e pesquisas sobre dança que desvelam imaginários, afetos, subjetividades, pois produzem sentidos e informam, em paralelo, sobre hábitos, épocas e mudanças culturais. As práticas de dança e as pesquisas guiadas por elas não se dissociam da cultura e da sociedade na qual se inserem. Assim, o exercício de compor, criar, pesquisar permite apreender modos de se pensar o mundo e de intervir nele.

O trabalho de uma companhia, de um coletivo ou de um intérprete-criador de dança, expõe como artistas da cena (e dos bastidores dela) percebem, refletem e/ou contestam valores e estéticas, como se posicionam e interagem com o mundo. Essa perspectiva reforça o ponto de vista de que tanto a arte quanto a corporeidade se efetivam a partir do cruzamento entre sistemas individuais e coletivos. Portanto, são ao mesmo tempo estéticas, subjetivas e sociais.

Estéticas e subjetividades de corpos sujeitos e coletivos das artes da cena há muito têm relações incontestáveis com as tecnologias. O corpo cênico anteriormente considerado elemento primeiro para composições cênicas ou coreográficas, amplia o seu alcance criativo e comunicativo a partir dos recursos tecnológicos. No recente contexto de pandemia e pós-pandemia pode experimentar transgredir barreiras, impondo de certa maneira a criação de novas linguagens, hibridismos, atravessamentos, a nosso ver, positivamente para criações contemporâneas.

Partindo dessas pistas iniciais e do estudo de dois projetos promotores de práticas de criação, indagamos neste texto de que modo afetos e subjetividades foram mobilizados na criação para a (des)organização dos corpos da cena durante o período de pandemia de Covid-19 no Brasil e do consequente período de distanciamento físico. Com base em pesquisas dos últimos vinte e cinco anos no país e em intercâmbios em instituições no exterior, o artigo tem como objetivo fazer uma reflexão sobre o corpo e sobre estratégias que artistas descobriram e utilizaram para continuar a dançar e a criar, à distância, com mediação de ferramentas digitais durante (e após) a pandemia.

Entendemos, partindo de uma visada socioantropológica e de uma perspectiva qualitativa, que o corpo em movimento coreografado ou livre, improvisado, constitui uma fabricação social (Le Breton, 2005). Os usos de recursos tecnológicos vêm transformando tal corpo, não apenas para e na solução de questões cotidianas, mas também afetando relações sociais, relações com o ambiente e percepções, desafiando, direta e indiretamente, as formas de se produzir arte/conhecimento (Guimarães & Snizek, 2021).

Nesse sentido, a pandemia de Covid-19, entre outras consequências, exigiu e vem exigindo de forma drástica conhecimentos e acesso ao universo tecnológico como estratégia primeira na busca de soluções em setores implicados no desenvolvimento social, na saúde e na educação. A pandemia incitou um processo intenso e emergencial de alteração das formas de presença invadindo as artes performáticas/dança que, apesar de terem afinidade com produções a partir de tecnologias/ferramentas digitais e virtuais, sofreram, pela primeira vez, a imposição do “não-contato” físico/presencial.

Para além do protagonismo problemático nas artes performativas dos tipos de presença (física e virtual), os artistas enfrentaram ainda a necessidade de incorporar e dominar conhecimentos sobre sistemas e técnicas do universo digital/virtual para a concretização de projetos e criações. Essa realidade evidenciou a necessidade da participação de equipes técnicas especializadas para as produções. Do mesmo modo, se transformaram as relações artista-público no que diz respeito aos espaços públicos e privados especializados e a recepção e oferta de espetáculos pelos mesmos (Guimarães & Snizek, 2021).

O “transitar” de obras não tão evidentes e efetivas no mercado das artes performativas em tempos pré-covid, de certa forma ganhou visibilidade. E não diferente aconteceu com o Projeto Neparc (Núcleo de Estudos e Práticas Artístico-Corporais), da Universidade Federal de Viçosa, nossa referência para reflexões. Afetado e desafiado pelo distanciamento social imposto pela pandemia, o projeto-companhia manteve-se atuante, produtivo e proporcionalmente frágil, vulnerável às novas formas de produção, indo ao encontro, através das práticas, de questões afetivas e subjetivas pertinentes a criações e à imposição da utilização de ferramentas digitais e virtuais. Praticar e descobrir, transformar e partilhar.

Iniciamos o texto contextualizando o projeto do Neparc. Em seguida, descrevemos as experiências de duas práticas de criação em dança efetuadas em 2020, durante a pandemia, mediadas por ferramentas digitais e virtuais: *Residências On_line* e *Planta Baixa na Nuvem*. Finalmente concluímos refletindo sobre os corpos criadores como locais de reflexões práticas investigativas, de ordenações e de (des)organizações de pontos de vista sobre o mundo.

Corpos e afetos nas práticas de dança: um olhar sobre o Neparc

Criado em 2012, o Núcleo de Estudos e Práticas Artístico Corporais tem como propósito a produção de conhecimento através da pesquisa e da construção de espetáculos de Dança e Performance. O núcleo busca acompanhar e promover ações que permitam a seus

Dossiê Práticas como Pesquisa: Criação/(Des)Organização dos corpos da cena participantes desenvolver novas linguagens, atentos e alinhados ao pensamento contemporâneo.

Coordenado por Andréa Bergallo Snizek, o projeto teve financiamento do PROEXT – Governo Federal em 2013 e 2015. Iniciou suas ações com a construção de um repertório artístico em 2012 e a criação do espetáculo *Por enquanto é isso...*, que contou com trabalhos dos coreógrafos Alex Neoral (Focus Companhia de Dança, Rio de Janeiro); Vanilto Alves de Freitas, o Lakka (Uberlândia/MG); Ana Vitória (Rio de Janeiro) e Andréa Bergallo (Viçosa/MG). Em 2013, o trabalho circulou por cidades de Minas Gerais, em uma turnê de espetáculos, oficinas e palestras.

Em 2015, o grupo estreou o espetáculo *Achados e Perdidos*, composto por criações de Andréa Bergallo e de Camila Oliveira. O trabalho circulou por diversas cidades de Minas e foi apresentado no Centro Coreográfico do Rio de Janeiro. Em paralelo, enfatizou ações como Projeto Escola, levando espetáculo, debates e oficinas para escolas públicas de Viçosa e região.

O Neparc idealizou e realizou as edições I, II, III e IV da Mostra Artes da Cena Contemporânea entre 2013 e 2018 e foi responsável, em parceria com o Departamento de Artes e Humanidades, pelas produções do II e III Seminário Argumentos do Corpo (realizados em 2011 e 2015).

Essas experiências contribuíram para a produção de sua primeira vídeo-dança, apresentada em São Paulo, em 2016. O trabalho foi selecionado e apresentado no 8º Festival Internacional de Vídeo, Performance e Tecnologias, em Lisboa, Portugal, com a instalação cênica *Planta Baixa*, oportunidade na qual o Neparc ofereceu oficinas e palestras. Em 2017, realizou parceria com o Festival do Minuto, de São Paulo, através da organização e produção do evento na região da Zona da Mata Mineira, parceria que se repetiu em 2019.

Em 2019, o Neparc realizou Residências Coreográficas com artistas convidados como Vanilton Lakka (Cópia); Mickael Veloso, do Rio de Janeiro (*Diálogos sobre a Dança como área de conhecimento*); e Eduardo Torroja, da Espanha (*Residência Coreográfica Internacional*).

Em 2020, o núcleo participou da mostra Dança em Trânsito Solos On, com a videodança *Sobre Cogumelos e Goiabas*, de Ana Vitória e Andréa Bergallo e realizou as Residências Artísticas *Planta Baixa* e *On_Line* com o Prêmio Funarte Descentrarte (2019). Em 2021, realizou o evento remoto “Práticas como Pesquisa: Criação/(des)organizações dos corpos da cena”, com a participação de Sayô Pereira, Luiza Banov, Éden Peretta, Ana Clara

Dossiê Práticas como Pesquisa: Criação/(Des)Organização dos corpos da cena
Amaral, Carla Ávila, Laura Pronsato e Lara Machado. Esta última atividade acabou por provocar esta publicação.

Criação e (des)organização dos corpos na cena: *Residências On_line e Planta Baixa na Nuvem*

Conforme Guimarães e Snizek (2021), tornar eficientes procedimentos corporais para funções específicas, como criar em dança, pode, de certa forma, levar seus praticantes a transitar em invisibilidade perceptiva, cognitiva e motriz. Não uma absoluta ausência das potencialidades do corpo/sujeito, mas uma certa ausência de consciência daquilo que os constitui, oportunizando, segundo Pais (2016), “surgir” aos olhos apenas o que estamos habituados a perceber.

Esse transitar de certezas metodológicas e sistemáticas sobre o corpo em sua dimensão compositiva para vagar na dispersão requer reconhecer e experimentar novas funções a partir da desconstrução de formatações invisíveis de percepções, gestos e hábitos e tem consequências determinantes no imaginário e nas ações da dança atual e em suas políticas, assim como para performances que privilegiam o movimento e a coreografia (Lepecki, 2011, p. 44). Sobre procedimentos de criação, por exemplo, o autor considera que não mais a técnica, o texto ou o enredo são pontos de partida para a criação de um espetáculo ou coreografia de dança, “mas a aceitação de vagos (e, contudo, concretos) campos de heterogeneidade” (Lepecki, 2016, p. 72).

Assim, uma dança que pressupõe um contexto, “local-ações”³ como fator determinante de sua elaboração e apresentação, que transita entre a diversidade de espaços, de presença e de estados corporais, oferecida pela variação das ambiências e propósitos, produz e oportuniza ao corpo/sujeito a construção de conhecimentos. A criação artística ou a avaliação de formas expressivas, compreende um ato ou tomada de posição, e não há neutralidade em tais procedimentos, uma vez que são atividades que se fundamentam e lidam com conteúdos da vida (Mansur & Snizek, 2019).

Tais operações se fundamentam em um geo-espço relacional, segundo Godard (2010). Para o autor, “a primeira fase de qualquer percepção e de qualquer gesto consiste na tomada de referências no espaço. É o modo como vou me orientar que ditará a qualidade do gesto que seguirá. Essa orientação precisa de um mínimo de vetores. Um vetor que vai ser o

³ Local-ações, neste texto, significa o entendimento do corpo-espço-físico e ambiência, como um lugar complexo, no sentido daquilo que afeta e é afetado pelo todo de forma contínua.

Dossiê Práticas como Pesquisa: Criação/(Des)Organização dos corpos da cena substrato, o chão, e o outro que vai ser o espaço, a projeção no espaço” (Godard, 2010, p. 3). Para além das variantes citadas, o autor reconhece que nos apoiamos em dados, em nossa corporeidade⁴, em gestos inscritos, aqueles potencialmente disponíveis em nossa própria organização corporal (Godard, 2010, p. 4).

É o corpo – esse lugar cultural, de crenças, conceitos, preconceitos, posturas, técnicas corporais (Mauss, 1974; Le Breton, 2005) - que constrói e desconstrói dança(s).

Em 2020, quando cidades em diferentes partes do mundo precisaram se fechar por conta de um vírus que matou mundialmente, a pandemia fez emergir livros, diários, peças e trabalhos de dança. Recursos tecnológicos possibilitaram encontros coreográficos à distância, viabilizaram composição, organização e desorganização de corpos que dançam simultaneamente, mas separados fisicamente – não por opção estética, o que já havia sido feito anteriormente, mas por precaução sanitária.

Do encontro à distância, na maior parte do tempo, de técnicos, criadores, públicos, intérpretes estabeleceu-se uma rede de informações da qual resultaram, no caso do Neparc, residências e espetáculos. O núcleo central do grupo se reuniu logo que possível, seguindo indicações sanitárias, mas continuou trabalhando remotamente com participantes das residências, alunos e o público.

Residências On_line

A *Residência Coreográfica On_Line*, contemplada com o Prêmio Funarte Descentrarte, em 2020, foi pensada e aprovada para acontecer de forma presencial, em cidades da região histórica de Minas Gerais (Ouro Preto, Mariana e Itabirito). Devido à pandemia e o impedimento de encontros presenciais, a equipe envolvida, atendendo a orientações da gestão da Fundação, adaptou-se, de modo emergencial, para a realização da proposta de modo remoto e on-line. A mudança de presencial para remoto permitiu a residência abranger públicos diferentes do que o previsto no formato presencial, de cidades e de outros estados do país, o que culminou na necessidade de criação de três turmas.

Os encontros contaram com diferentes estratégias e ferramentas digitais e virtuais, foram aplicados presencialmente pelos integrantes do Neparc na Escola Municipal Doutor Januário de Andrade Fontes, na ocasião fechada por conta da Covid-19. O espaço foi cedido pela Secretaria de Educação de Viçosa. Lá os integrantes do Neparc construíram a estrutura

⁴ Como para Bernard, corporeidade é a compreensão do “ corpo” como a materialização de um processo móvel e complexo, o do sentir (Bernard, 2001, p. 17-24).

Dossiê Práticas como Pesquisa: Criação/(Des)Organização dos corpos da cena que melhor atenderia à realização da ação. Providenciaram internet com velocidade adequada, equipamentos (computadores, smartphones, câmeras, TV, caixas de som, fones, entre outros). A equipe do Neparc tem integrantes de formações diferentes, como webdesigner, fotógrafo e videomaker profissional, técnica de informática, professores de preparação corporal e intérpretes.

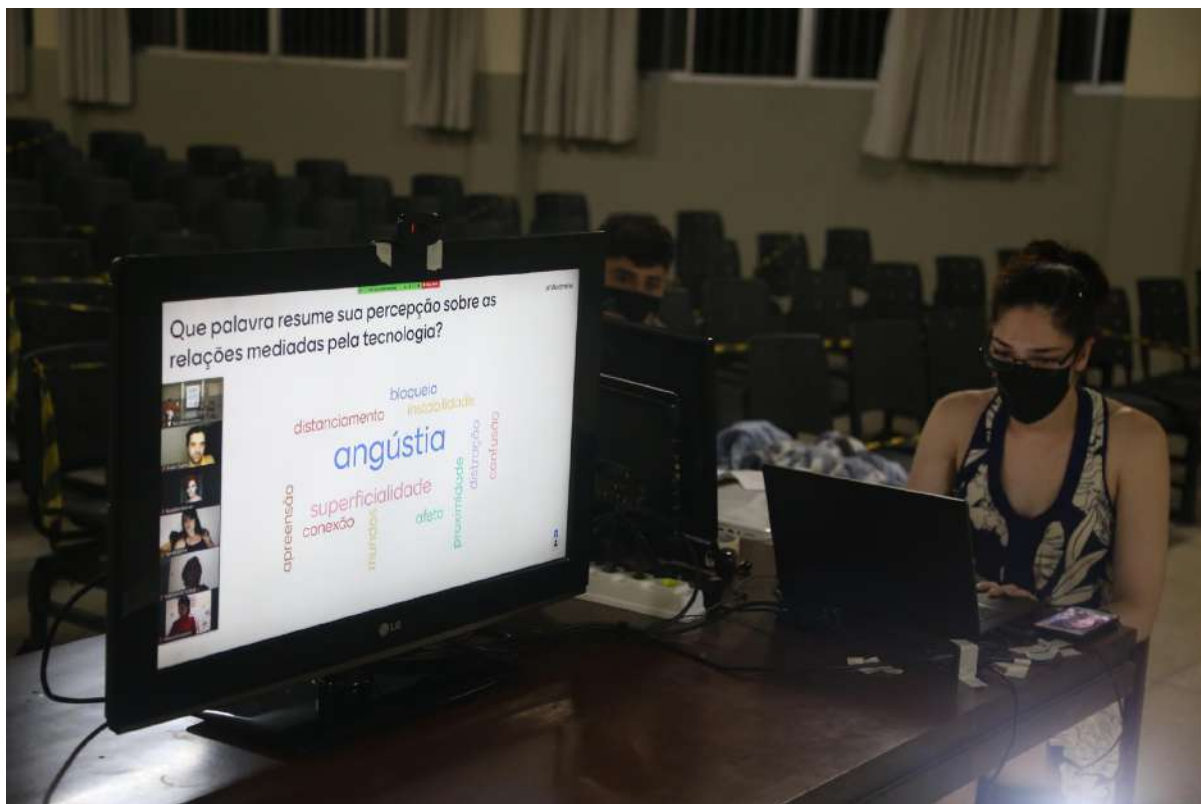


Figura 1: Realização da residência.

Fonte: Álbum de trabalho.

A referência artística de trabalho foi a coreografia de Andréa Bergallo, *On_Line*, que aborda questões relativas aos modos de nos relacionarmos na contemporaneidade e seus possíveis desdobramentos e reflexões sobre os usos das tecnologias para tal fim. O enfoque da proposta se estruturou em como as pessoas criam um espaço coletivo com base em individualidades com mediação de ferramentas digitais. Os encontros tiveram como objetivo a partilha de etapas do processo de criação, de reflexões práticas, de trechos coreográficos e aulas práticas de dança contemporânea, orientadas por intérpretes da companhia coordenados Bergallo. O conjunto de atividades serviu para a construção de uma versão colaborativa e virtual do trabalho exibida através do Youtube.

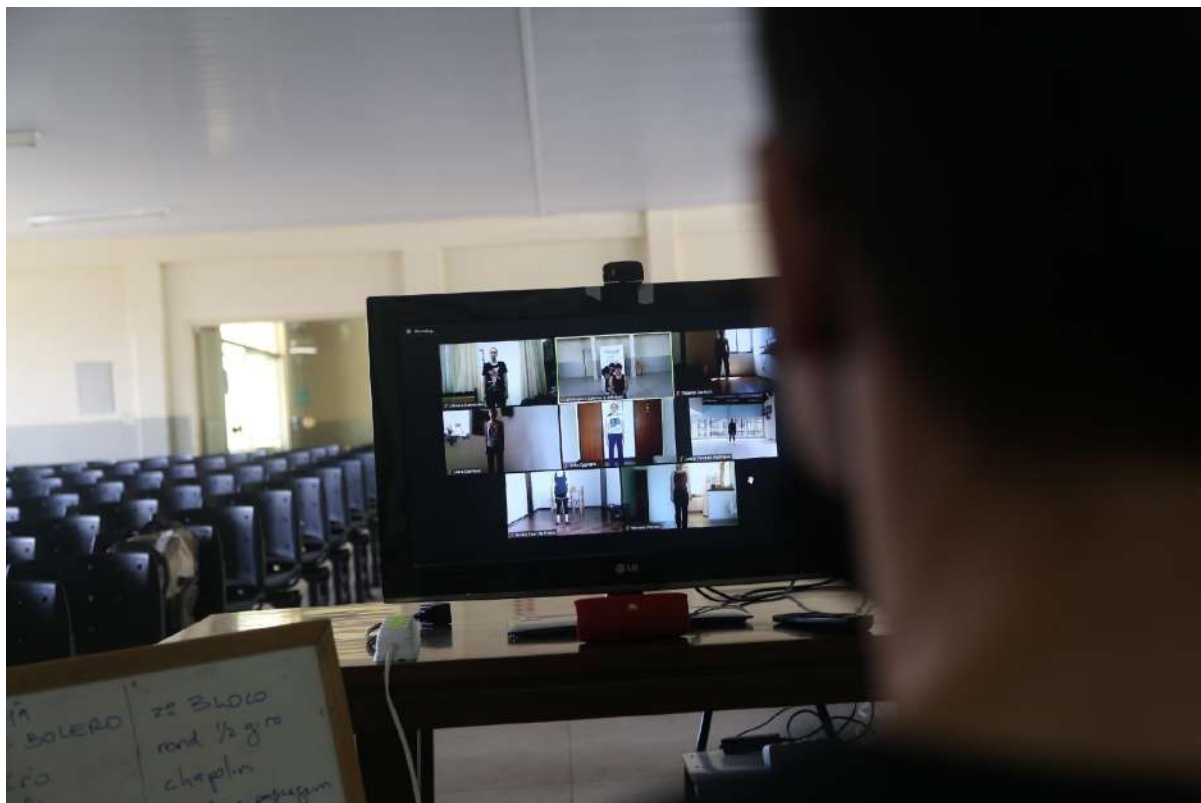


Figura 2: Aula online.
Fonte: Álbum de trabalho.

Cada turma da residência passou por quatro encontros nos meses de setembro e outubro divididos da seguinte forma: Introdução a proposta da Residência Coreográfica (com uma hora e meia de duração); Workshop de preparação corporal e dança contemporânea e de experimentações coreográficas (três horas de duração); Estudos coreográficos assíncronos a partir de tutoriais de movimentações, e Partilhamento de experiências e exibição dos vídeos produzidos por cada grupo através de *Live Com_posição em dança on line 1*, transmitida pelo canal do Neparc no YouTube (uma hora e meia de duração).

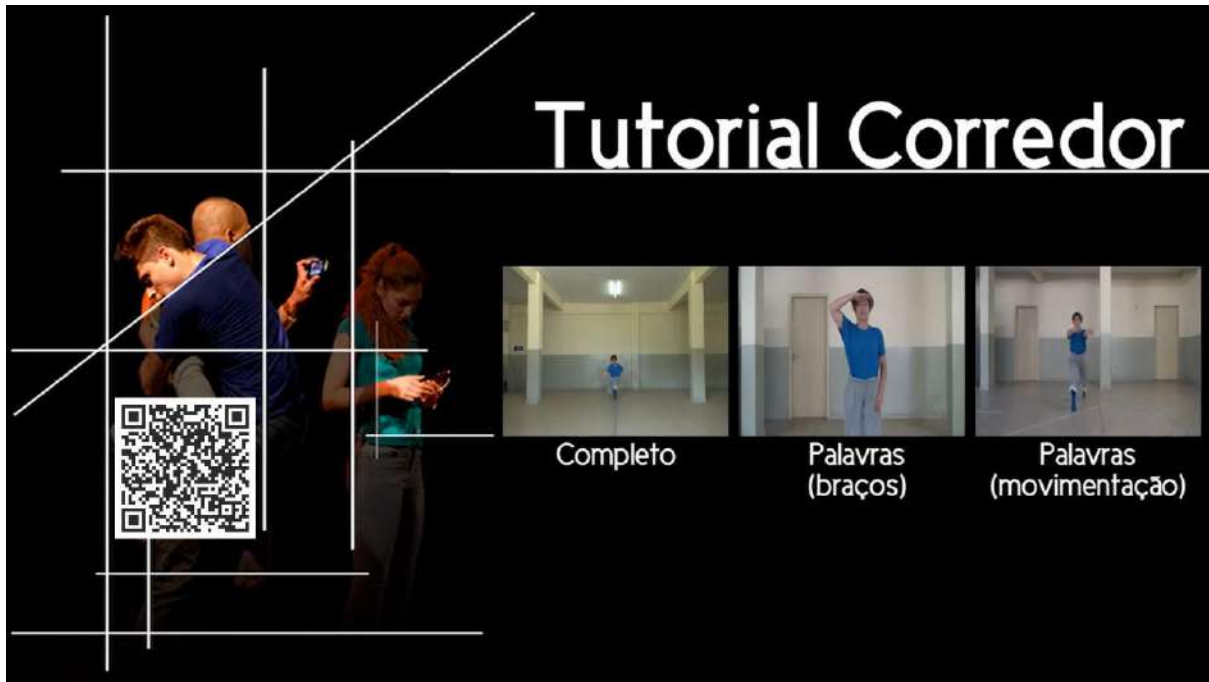


Figura 3: Tutorial Sequência 1 Corredor. Acesso ao vídeo no QR Code acima.

Fonte: Álbum de trabalho.

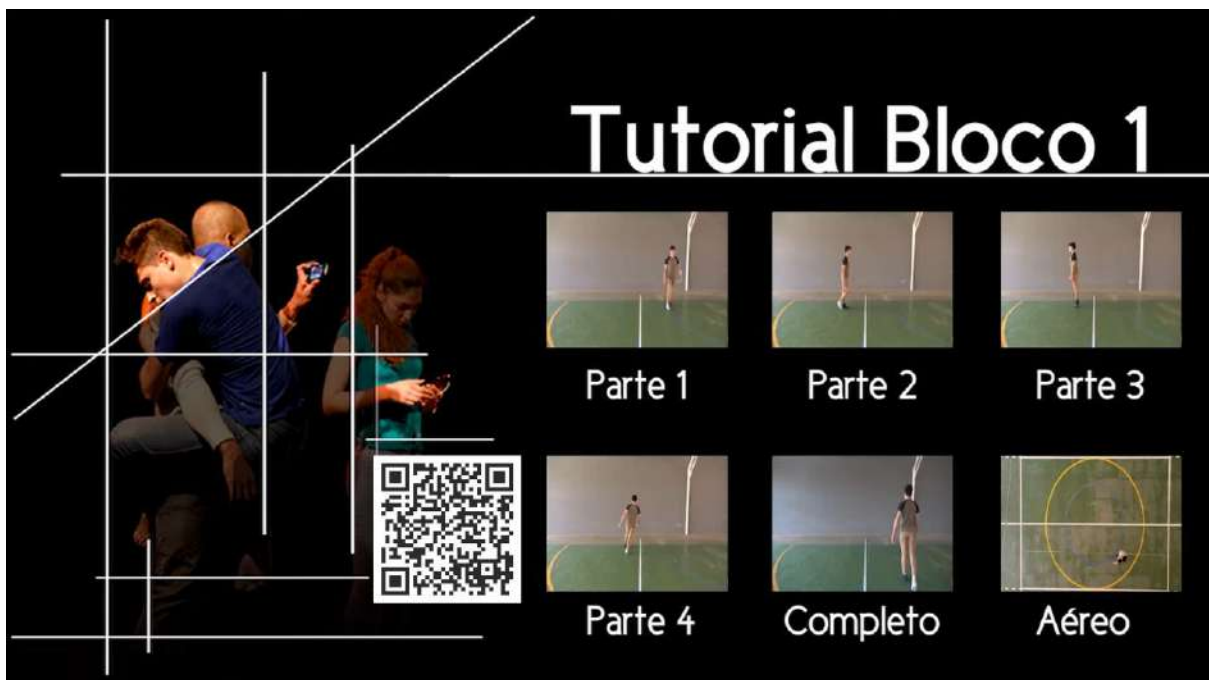


Figura 4: Tutorial Sequência 2 Bolero. Acesso ao vídeo no QR Code acima.

Fonte: Álbum de trabalho

No final de outubro houve a apresentação do trabalho criado a partir da Residência Coreográfica com as três turmas por meio de *Conexões On_Line - Live de estréia*, que foi transmitida pelo canal no Youtube. Participaram das oficinas 22 pessoas. Assistiram às

Dossiê Práticas como Pesquisa: Criação/(Des)Organização dos corpos da cena atividades exibidas em Lives no YouTube 200 pessoas. O público atingido via redes sociais (Instagram e Facebook) do Neparc: 5.494.



Figura 5: Teaser Conexões On_Line Momentos. Acesso ao vídeo no QR Code acima.

Fonte: Album de trabalho

Planta Baixa na Nuvem

A residência artística *Planta Baixa* foi realizada em formato remoto em novembro e dezembro de 2020, através da plataforma de videoconferências Zoom e teve transmissões ao vivo pelo canal do YouTube do Neparc em parceria com uma das escolas públicas da cidade de Viçosa. As atividades foram oferecidas de forma gratuita e online para alunos de escolas públicas do município (redes municipal, estadual e federal) dentre as quais para o Colégio de Aplicação da UFV - CAP COLUNI. A realidade econômica das famílias e das escolas da rede pública (estadual e municipal), impediu sua participação pela falta de acesso razoável a ferramentas digitais, virtuais e internet. Portanto, participaram da residência os estudantes do CAP Coluni/UFV.

A programação foi composta por quatro lives “Diálogos sobre a dança como área do conhecimento hoje” com os temas Coreografar, Iluminar, Vestir e Produzir; três encontros com alunos das escolas públicas de Viçosa via videoconferência; a realização de tarefas junto aos alunos participantes e coordenadas via grupos de WhatsApp. Finalmente, a residência envolveu a criação de duas novas versões do trabalho original a partir das atividades

Dossiê Práticas como Pesquisa: Criação/(Des)Organização dos corpos da cena realizadas pelos estudantes abordando questões relativas ao corpo que interage com os espaços de uma casa mediado por memórias e afetos que cada um carregava consigo durante o período da pandemia de Covid-19.

As turmas atendidas foram selecionadas de acordo com a disponibilidade de acompanhamento dos professores responsáveis e da possibilidade dos alunos de acesso à internet. A ideia inicial foi realizar as atividades via Zoom, de forma síncrona. No entanto, isso mostrou-se inviável para grande parte dos alunos, por conta do pouco acesso à internet. A atividade foi adaptada, então, com o uso de pequenos tutoriais disponibilizados via Youtube e a criação de grupos de WhatsApp, possibilitando a participação de um maior número de alunos, de acordo com as possibilidades de acesso à internet e a computador ou celular.

Para desenvolver as atividades da residência, os alunos receberam vários materiais produzidos pela equipe. A primeira atividade consistiu na produção pelas crianças e jovens de um áudio onde descrevem sua casa, sua rotina e o que mudou com a pandemia. A segunda atividade consistiu na produção de um desenho de um cômodo da casa, podendo ser o cômodo que mais usa ou o que mais gosta. Os participantes tiveram a liberdade de escolher desenhar o cômodo como é ou como gostariam que fosse. O material produzido pelos participantes foi utilizado como referência inspiradora para a criação de trabalhos. Deram origem a uma videodança e a uma obra interativa digital, ambos com o nome *Planta Baixa* na Nuvem. Os mesmos foram disponibilizados no site do Neparc e na plataforma YouTube.

O processo contou divulgação pelos canais de comunicação do núcleo: site (<https://neparc.com/>); e redes sociais Facebook (<https://www.facebook.com/neparcvicosa>); e Instagram (<https://www.instagram.com/neparcvicosa/>). Foram disponibilizados tutoriais via plataformas, para que os alunos realizassem duas atividades.

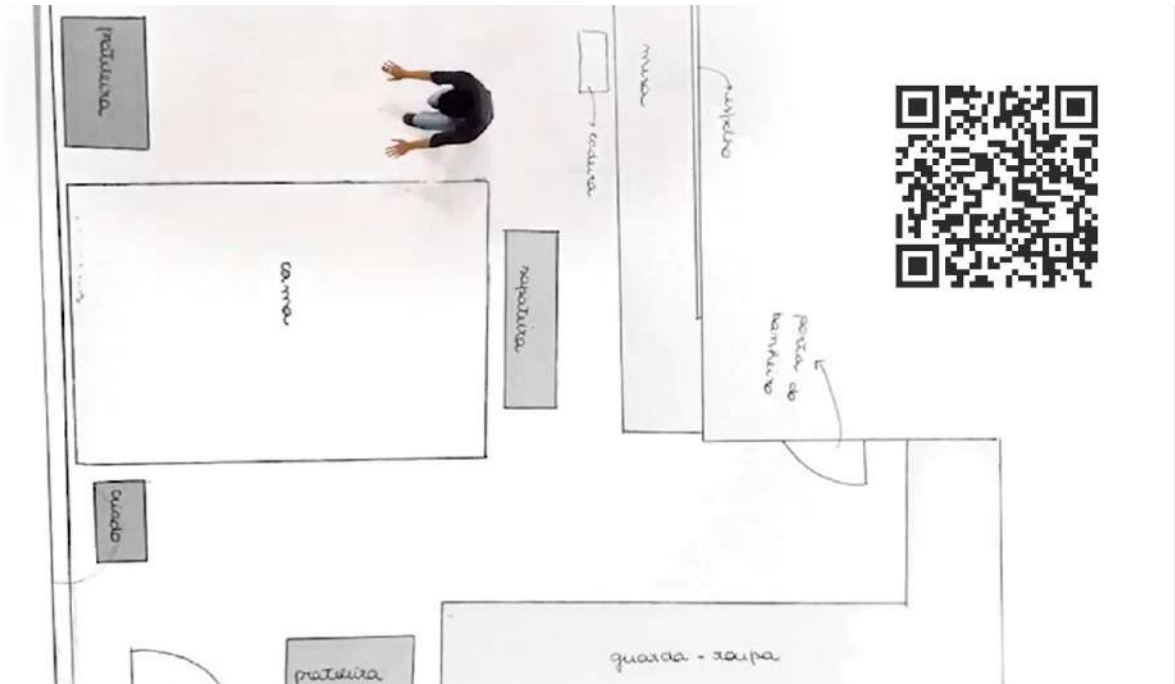


Figura 6: Vídeo Planta Baixa na Nuvem Interativo – Sequência com áudio. Acesso ao vídeo no QR Code acima.

Fonte: Álbum de trabalho

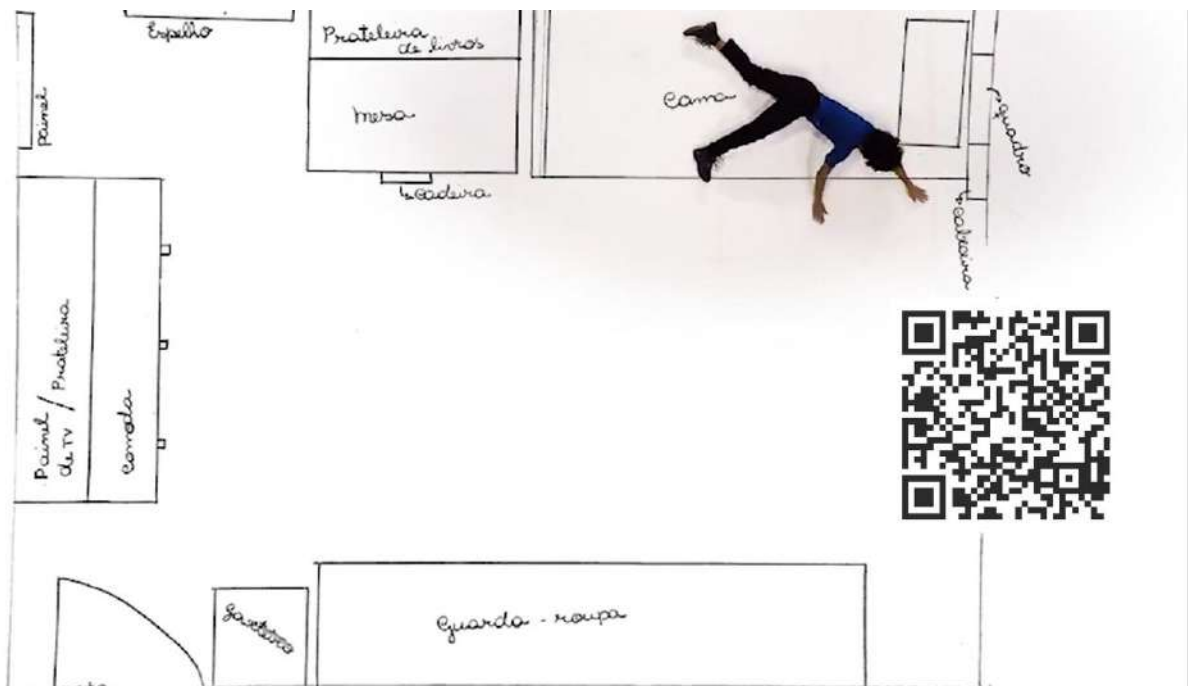


Figura 7: Vídeo Planta Baixa na Nuvem Interativo – Sequência com áudio. Acesso ao vídeo no QR Code acima.

Fonte: Álbum de trabalho



Figura 8: Videodança Planta Baixa na Nuvem. Acesso ao vídeo no QR Code acima.

Fonte: Álbum de trabalho/Youtube

Considerações finais

Neste texto descrevemos e compartilhamos as experiências de dois projetos pautados em práticas de criação desenvolvidos em 2020 a partir de um olhar acadêmico e universitário. Observando os dois trabalhos e suas ações, indagamos de que modo afetos e subjetividades foram mobilizados para criações através da (des)organização dos corpos durante o período de obrigatório “não-contato físico”. Nosso objetivo foi fazer uma reflexão sobre como o corpo agiu para continuar a dançar e a criar via utilização de recursos tecnológicos em modo remoto síncrono e assíncrono.

Na dança contemporânea as tecnologias de comunicação e informação, as ferramentas digitais e virtuais se tornaram elementos de composição e compositivos complexificando ainda mais propostas da cena. Nos dois casos observados, a utilização dessas tecnologias foi de início o modo encontrado de poder continuar a trabalhar, a criar, a manter contato/ trocas com e entre profissionais da dança.

A partir da combinação e análise das ações dos projetos do Neparc foi possível revisitar e redimensionar conceitos de forma aplicada e assim transformar os modos de

pensar e praticar processos criativos de dança. Levou-se em consideração que presencialmente as corporeidades dos artistas exigem os usos de percepção, sensorialidades, atenção a diferenças, aos acasos, ao contexto e, não diferente, a tudo aquilo que constitui a ambiência do universo artístico como questões econômicas, políticas e sociais que sustentam toda sua estrutura.

No formato virtual naquele momento os desafios cresceram, pois às questões do presencial agregaram-se as exigências e desafios de revisões e (des)construções de paradigmas da própria dança, de compreensão e usos do “espaço”, do corpo e da urgência de se ter conhecimento sobre ferramentas e estratégias digitais e virtuais para a concretização de um trabalho. Esse contexto, consequência da Covid-19, acabou por afetar as percepções, as formas de pensar e agir dos criadores e intérpretes e, em paralelo, os fez vislumbrar outras perspectivas estéticas que não aquelas pré-estabelecidas e pretendidas para e em formatos presenciais.

Com a efetivação de dois anos e meio de pesquisas guiadas pela prática, mediados, prioritariamente por tecnologias, ficaram evidentes a falta de preparo e condições financeiras da população brasileira para a produção de conhecimento a partir das artes em ambiente virtual. Aliás, não apenas por meio da arte, pois as desigualdades sociais deixaram ainda mais evidentes os prejuízos da falta de acesso à educação, seja ela presencial ou não. O acesso a ferramentas, informações e trocas de conhecimentos no âmbito educacional também tem estreita relação com o tipo de dispositivos/equipamentos disponíveis e da qualidade de acesso à internet.

Tanto em cursos de graduação em dança ou em escolas de ensino infantil, fundamental e médio, atualmente convivemos com alta incidência de faltas e falhas de equipamentos, conexões, de armazenamento e de programas de edição de imagens que, queiramos ou não, prejudicaram e (ou) limitaram a todos, de forma mais intensa no início da pandemia. Em tal período as condições financeiras da população se agravaram com o aumento do desemprego e da inflação.

Nesse sentido, as mediações tecnológicas afetaram de forma violenta, e seguem afetando, processos de criação, a realidade que constitui os afetos e as subjetividades dos corpos sujeitos contemporâneos. As mediações tecnológicas integrarão de forma irreversível, ainda que parcialmente, projetos pedagógicos, matrizes curriculares de diferentes níveis de formação, ou seja, propostas relativas ao desenvolvimento humano, à educação em especial.

Por outro lado, a experiência do distanciamento obrigatório gerou e intensificou o surgimento de novas estratégias de criação, de produções de filmes, videodanças, vídeo-aulas, espetáculos online entre outras formas de atuação artística. Essa realidade vem acelerando e evidenciando intensamente processos de hibridização, exigindo diferentes qualificações, colaborações e estudos entre artistas de diferentes áreas e níveis acerca da criação mediada por ferramentas digitais e virtuais.

Mudar implica (o)usar novas percepções. Criações mediadas por tecnologias suscitam o acesso a perspectivas até então ocultas e invisíveis aos olhos habituados às visibilidades do presencial, adaptações a sistemas e técnicas midiáticas, ao universo da internet, à ciência das ferramentas digitais/virtuais para, de fato, ser viável tanto quanto elegante sua concretização. Processo desafiador, experimentado pelos integrantes do Neparc e participantes durante a efetivação das Residências *On_Line* e *Planta Baixa*.

Referências bibliográficas

CALDAS, Paulo; GADELHA, Ernesto. Dança e Dramaturgia [s]. Tradução de Nathália Mello, Rosa Ana Druot de Lima e Sylvain Druot. São Paulo: Nexus, 2016, p. 1-17.

DE GIORGI, Margarita. Presença e micropolítica do sensível: Ouverture Alcina, um caso de composição pós-dramática. Revista brasileira de estudos da presença, 7(3), 2017, p.437- 476. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/presenca/article/view/76458> . Consulta em 21/9/2022.

FREITAS, Vanilto Alves de. Coreografias Coletivas para Grupos Inexistentes: características estruturais e procedimentos de difusão. Tese (doutorado em Artes Cênicas). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2021. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/35558> . Acesso em 26/09/2022.

GUIMARÃES, Carlos E. e SNIZEK, Andréa B. Estudos de composição em dança: os arquétipos do tarot como referência motivacional para um processo de criação. In: Anderson Veloso Domingos... [et al.] Diálogos em criação: uma reflexão prática sobre corpo-espaço. Recife, PE: Even3 Publicações, 2021, p. 41-72.

KUYPERS, Patricia. Buracos negros: uma entrevista com Hubert Godard. O percevejo, v. 2, n. 2, jul-dez. 2010. p. 1-21.

LE BRETON, David. Anthropologie du corps et modernité. 4.ed. Paris: PUF, 2005.

LEPECKI, André. Coreo-política e coreo-polícia. Revista de Antropologia, v. 13, n. 1, 2, p. 041-060, 2011.

LEPECKI, André. Errância como trabalho. In: CALDAS, Paulo; GADELHA, Ernesto. Dança e Dramaturgia [s]. Tradução de Nathália Mello, Rosa Ana Druot de Lima e Sylvain Druot. São Paulo: Nexus, 2016, p. 61-82.

MANSUR, R. F. e SNIZEK, A. B., 2019. Estudos interdisciplinares em dança contemporânea: preparação corporal, práticas de sensibilização e composição. In: Anderson Veloso Domingos... [et al.] Diálogos em criação: uma reflexão prática sobre corpo-espço. Recife, PE: Even3 Publicações, 2021, p. 5-40.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: _____. Sociologia e antropologia. São Paulo: Edusp, 1974a. v. II, p. 209-234.

PAIS, Ana. O crime compensa ou o poder da dramaturgia. In: CALDAS, Paulo; GADELHA, Ernesto(orgs.). Dança e dramaturgias. São Paulo: Nexus, 2016. p. 25-60.

ROQUET, Christine. Da análise do movimento à abordagem sistêmica do gesto expressivo. O percevejo. v.3, n. 1, jan-jul. 2011, p. 1-15.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. La danse e Limiars: corpos, imagens e construção das emoções. In: SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira, SNIZEK, Andréa Bergallo (orgs). Artes da cena contemporânea: corpos, imagens, potências. Viçosa: EdUFV, 2021. p.68-82.

TAVARES, Gonçalo M. Atlas do Corpo e da Imaginação – Teoria, Fragmentos e Imagens. Alfragide, Portugal, Editorial Caminho, 2013.

Produções estudadas:

PLANTA BAIXA. Realização: Funarte e NEPARC. Produção Artística e Administrativa: CO produções Culturais e Artísticas. Direção de produção: Camila de Oliveira. Assistente de produção: Ronaldo Mansur. Direção de fotografia e filmagem: Emanuell Carvalho. Gerenciamento de Streaming: Emanuell Carvalho e Ronaldo Mansur. Divulgação e marketing: Pedro Malta. Intérpretes criadores do projeto: Anderson Domingos, Andréa Bergallo, Camila Oliveira, Ronaldo Mansur, Vini Monteiro. Convidados nas Lives: Alex Neoral, Milton Giglio, Ney Madeira e Marcella Alves. Professores parceiros: Danielle Rodrigues de Moraes, Elieny Magalhães e Vinícius Monteiro Lopes. Viçosa, 2020.

RESIDÊNCIA Coreográfica ON_LINE. Realização: Funarte e NEPARC. Produção Artística e Administrativa: RM Produção e Arte. Direção de produção: Ronaldo Mansur. Assistente de produção: Camila de Oliveira. Direção de fotografia e filmagem: Emanuell Carvalho. Divulgação e marketing: Pedro Malta e Daniela Mara. Intérpretes criadores do projeto: Anderson Domingos, Andréa Bergallo, Ronaldo Mansur, Vinícius Monteiro (colaborador).